



FONDAZIONE CASSAMARCA

Colóquio internacional de estudos
Convegno internazionale di studi

Humanismo Latino
na cultura portuguesa

Umanesimo Latino
nella cultura portoghese

Faculdade de Letras da Universidade do Porto - Portugal
17-19 de outubro de 2002 / 17-19 ottobre 2002

Conclusões

1. Cabe-me a responsabilidade e a honra de apresentar as conclusões deste colóquio, admitindo que é possível em poucas palavras fazer a intercepção de discursos tão diferentes nas referências temporais, nos terrenos disciplinares, nas preocupações sociais, nas hipóteses e valores subjacentes, admitindo que é possível concentrar comunicações tão plenas de informação e teorização nas breves palavras de encerramento deste colóquio internacional.

Tentemos, concentrando a atenção nos principais ensinamentos. Tentemos amarrar os fios que esvoaçando de forma tão variegada se moveram sempre no espaço unificador do humanismo.

Tentemos fugir à tentação de utilizar o nosso próprio discurso, utilizando inadequadamente um tempo que é de todos, em que todos os intervenientes se pretendem reconhecer.

Aliás se alguma posição própria se justificaria passava pelo enunciado dos objectivos da Cátedra Humanismo Latino que já foram apresentados no início pela Prof. Elvira Mea. Conjunto de princípios orientadores que nesta fase de constituição uniu os "membros fundadores" e dá sentido ao funcionamento futuro da Cátedra:

2. Lançar problemáticas e fazer circular conhecimentos relacionados com o humanismo latino, tendo como alvos preferenciais o ensino superior e a restante intelectualidade socialmente interveniente.

O humanismo latino existe no espaço português e de influência portuguesa como tradição histórica, como património genético, como padrões culturais profundamente enraizados. Até como expressões originárias de relações de vizinhança e de formas de organização de então (por exemplo, os limites de algumas das freguesias portuguesas ainda assentam nas vilas romanas).

Para que os valores humanistas se reassumam como referencial, como prática cultural, como lógica de inter-

venção há que trazê-lo para o consciente colectivo como problemática intelectual e social.

3. Estudar e divulgar a realidade do humanismo latino em Portugal e nos PALOP. Neste contexto é particularmente interessante identificar as interculturalidades do encontro latino/muçulmano e latino/banto.

Na linha do afirmado no ponto anterior há que olhar para o humanismo latino de uma forma criativa, encontrando em cada espaço geográfico-social as especificidades que o enriquecem.

O que há de específico na Península Ibérica, nomeadamente em Portugal, é a grande interligação entre as civilizações latina, árabe e africana. Que interagiram neste espaço e que se espalharam pelo mundo nas épocas das navegações portuguesas e da colonização portuguesa. Nas relações com África os contactos culturais foram essencialmente com a muçulmana, mais uma vez, na região saariana, e com a cultura banto, na região subsaariana e no tráfego de escravos.

4. Lançar, a médio prazo, um mestrado interdisciplinar sobre Humanismo

Os mestrados e os doutoramentos são hoje formas essenciais de promover a investigação de forma duradoura e de estabelecer relações intelectuais fortes entre académicos e outros intelectuais. Particularmente verdades em temáticas de investigação que não estão directamente relacionadas com a actividade económica e com a possibilidade de investigação gerida pelas empresas.

Assim a montagem de um tal mestrado, passo prévio a um eventual programa de doutoramento, quando houvesse já suficiente massa crítica e consolidação institucional, assume-se com uma meta importante.

Um mestrado em humanismo é a institucionalização de um olhar sobre a sociedade e o homem numa leitura tão multidisciplinar, ou pós-disciplinar se para tal houvesse engenho e arte, quanto a multidimensionalidade humana e a diversidade de problemáticas sociais com que o homem se defronta.

5. Colaborar com a Fondazione Cassamarca em todas as iniciativas consideradas convenientes.

A Cátedra Humanismo Latino nasce por iniciativa da Fondazione Cassamarca e faz parte de um conjunto de ins-

tuições que têm os mesmos objectivos gerais. A sua existência e virtualidades passa pela colaboração em rede.

6. Foram apresentadas razões bastantes para que haja uma preocupação em pensar o homem, num processo de criar e recriar o humanismo, processo conducente ao que alguns designaram por neohumanismo.

É imperioso e urgente valorizar a dignidade humana, valorizar o respeito pelo homem e a justiça social, valorizar o amor e a liberdade, valorizar intensamente – como um dos pilares do futuro que é imperioso construir – o respeito pela diversidade.

As razões que foram invocadas, implícita ou explicitamente, ressaltam dos exemplos positivos - a coragem arrebatadora dos lutadores intrépidos da justiça, o brilhantismo dos grandes construtores culturais, os apaixonados pela liberdade que sabem construir o futura luta quotidiana pela sobrevivência (o que aqui foi designado pela "universidade pragmática da sobrevivência") o caminho da libertação colectiva e individual. Ressaltam igualmente, e muito, dos dramas quotidianos da humanidade em que somos e estamos: são problemas antigos como a fome e a miséria que poderiam ser banidos pelo actual nível de desenvolvimento tecnológico e científico se para tal houve relações sociais adequadas; é a agudização das diferenças sociais planetárias iludidas pelo manto diáfano da desinformação; é a continuação do terrorismo de grupos ou de Estados com inadmissível desrespeito pelas vidas humanas; são os atentados ecológicos e a cegueira de muitos que continuam a ignorar as graves ameaças à vida humana no planeta; são muitos outros problemas que ressaltam no quotidiano das nossas existências.

7. Poder-se-á concluir a partir destas constatações que o humanismo latino é uma forma adequada de (re)pensar o homem? Justifica-se falar em humanismo latino, fundamento da "pátria emotiva" baseada na(s) língua(s) e não somente em humanismo?

A nossa resposta é que o humanismo latino tanto pode ser uma referência adequada de pensar o homem como pode não o ser. Tudo depende da leitura que dele façamos, das dinâmicas que possamos gerar, das reconstruções que sejamos capazes de erguer a partir dele.

Certamente que o humanismo latino não será a referência adequada se for identificado com exaltação nacionalis-

ta, como instrumento de manipulação ideológica. Não o será se o apego ao "latino" sobrelevar as tarefas urgentes da "humanização" das práticas sociais, quiçá levando à miopia de enclaves de cultores do latim ou de lucubrações desligadas da vida e exclusivamente viradas para o passado.

Mas se a nossa preocupação principal, neste início de actividade de ensino e investigação, é saber construir, sob o lema do humanismo latino, novas formas de pensar e agir, então esta conferência trouxe importantes abordagens.

O "humanismo latino" pode ser uma referência significativa se se reconstruir permanentemente em confronto com a sua negação.

O humanismo constrói-se e vivifica-se na luta com o "contra-humanismo", na luta contra o ódio, contra o desrespeito pela diferença, contra as limitações à liberdade, contra os muitos aspectos negativos da sociedade contemporânea a que fizemos referência, mais a título de exemplo do que inventário exaustivo.

O humanismo latino constrói-se e vivifica no confronto – de afirmação e aceitação – com outras formas de pensar o homem, no confronto com outros humanismos, com outras culturas, com outras axiomáticas e lógicas de agir e pensar. É esse confronto que garante que o homem seja "o eu e o outro" ou, ainda melhor, "o outro e o eu". É na mescla de culturas que se construirá o futuro.

O humanismo latino pode ser promissor se o olhar para si e para o outro der lugar a uma filosofia aberta e dialogante, se der lugar a estudos científicos metodologicamente correctos, capazes de olhar para as suas próprias raízes e, também eles, abertos e dialogantes com outras formas de saber.

Permitam-me que releve como um dos grandes ensinamentos deste colóquio o facto de ser um erro preocuparmos-nos em traçar as fronteiras do humanismo latino. Qualquer humanismo virado para si mesmo estiola, entorpece, cega.

Sem o "outro" o "eu" é de uma pequenez incrível. O que é fundamental é procurar os espaços comuns onde o outro e o eu possam olhar o futuro, na acção, na inteligência e na emoção.

8. Um aspecto interessante é a interdisciplinaridade, pela sua existência e pelas formas que pode assumir.

Escutámos intervenções de História, Linguística, Musicologia, Sociologia, Filosofia, Epistemologia, Direito, Economia. Poderíamos ter escutado intervenções de outras áreas do saber se o tempo disponível para a conferência o

permitisse e se fosse possível encontrar pessoas interessadas em explorá-las com a bússola do humanismo latino. Todos os pensadores têm lugar neste trabalho colectivo: filósofos, cientistas, artistas. Todos os campos da filosofia têm o seu espaço. Todas as disciplinas científicas têm o seu espaço. Todas as artes têm o seu espaço.

Há espaço para um trabalho de investigação de especialidade desde que simultaneamente haja a audácia das sínteses interdisciplinares.

Sabemos que a prática da interdisciplinaridade está muito aquém da promoção que dela é feita. Sabemos que é necessário uma vasta reflexão epistemológica sobre a interdisciplinaridade que ainda está por fazer. Sabemos que existem dificuldades diversas (desde as limitações cognitivas do homem ao grande volume de informação, desde a clausura das linguagens específicas aos entraves institucionais, ...) no trabalho de interdisciplinaridade mas ela é um sistemático desafio, mesmo desesperante, quando ninguém duvida do "homem total", da "multidimensionalidade humana" e não consegue ultrapassar o campo restrito do seu saber disciplinar.

Temos que ter a ousadia da interdisciplinaridade e talvez o "humanismo latino" seja um novo elo identificador capaz de desafiar as nossas sínteses.

9. A Cátedra Humanismo Latino pretende responder a todos estes desafios.

Tendo as grandes vantagens de usufruir da autonomia institucional e certeza de financiamentos, considera que só será capaz de concretizar os desafios a que se propôs numa cooperação estreita com as Universidades e todos os centros de produção e divulgação dos conhecimentos.

A Cátedra Humanismo Latino tem a pretensão, com as limitações da sua juventude e pequenez, promover reflexões sobre o humanismo e congregar esforços mais diversos nesse trabalho de diálogo e confronto.

Sabemos que o trabalho não é fácil porque as limitações acima referidas existem; porque é preciso uma luta racional e afectiva de cada um de nós contra nós mesmos (é o desafio da "incomodidade" da reconstrução permanente que foi referida na sessão de abertura); porque também aqui os contra-humanismos funcionam (mesquinhez humana, inveja perante os avanços, receio de desbravar novos caminhos); ainda porque há sempre um burocracia inesperada à nossa espera.

Quando recordamos as comunicações aqui feitas, a presença de diversas entidades representativas da sociedade, as questões colocadas e o interesse de todos os presentes percebermos facilmente que existem condições para um trabalho profícuo. Quando "observamos" as ausências, o escárnio e mal-dizer de alguns e o desprezo dos órgãos de informação por iniciativas destas, percebemos que existem muitas dificuldades a vencer.

Mas tudo se resolve se soubermos ser "militantes do respeito pela diversidade".

Que vale a pena não temos dúvidas.

10. As últimas palavras são, em primeiro lugar, de agradecimento a Dino De Poli e à Fundação Cassamarca.

Quem me conhece sabe que não o faço por cortesia formal ou regra de etiqueta. Faço-o em parte pelo apoio financeiro que nos concede, qual "mecenas dos tempos modernos", mas faço-o essencialmente porque teve a lucidez de lançar a todos nós, e a muitos outros espalhados pelo mundo, um desafio diferente, lúcido, corajoso.

De seguida um agradecimento a todos que compreenderam o desafio e nos têm incentivado, que participaram neste colóquio como conferencistas ou assistentes.

Certamente que alguns discordarão mas também a eles dirigimos uma palavra pois, para nós, nada há mais incómodo que a unanimidade, porque o humanismo se constrói compreendendo o outro, porque uma "oposição" só existe se as ideias são importantes.

Estamos certos que nos voltaremos a encontrar, aqui, algures em Portugal, algures na "pátria emotiva" da língua portuguesa, algures no mundo.

Obrigado!